

Banco quer saber mais sobre unificação

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O secretário de Política Econômica, Winston Fritsch, foi cuidadoso em sua exposição no seminário Brazil-94, promovido ontem por este jornal no Hotel Marriott Marquis. Os banqueiros presentes em geral gostaram, embora preferissem que ele falasse mais. Os dois congressistas presentes não gostaram e certamente preferiam que Fritsch falasse menos sobre o Congresso.

O diretor internacional do Imbanco, Sérgio Zappa, estava entre os que queriam saber mais. "Ele não falou muito, falou bem sobre os aspectos gerais. Mas eu gostaria de saber melhor a intenção do governo com a unificação do câmbio. A meu ver isso é um passo para a liberalização do câmbio. Na pergunta um pouco genérica que lhe fizeram, o Fritsch não nos ajudou a entender melhor o processo", argumentou.

A rigor, o secretário de Política Econômica tentou defender o Congresso em sua exposição. Ele aproveitou para dizer que o descalabro das contas do governo não aconteceu devido à Constituinte de 1988, como se acredita. "É um processo longo de descontrole, que começou na realidade desde o início da década, com o corte abrupto dos financiamentos externos devido à crise financeira internacional", argumentou.

Até aí, tudo bem. Mas de-

pois Fritsch diria que, na reforma constitucional a caminho, será revista a distribuição de recursos entre os três poderes (federal, estadual, municipal) e lembrou que, no momento, cerca de 80% da receita tributária da União vai para repasses aos estados e municípios mais custeio.

Isso deixou os parlamentares revoltados. O senador Nelson Wedekin (PSDB-SC) mexeu-se na cadeira, na última fila do auditório superlotado com mais de duzentos banqueiros, e virou-se para o deputado federal Haroldo Saboya (PC do B-BA) com ar de desaprovação. Saboya fez uma queixa geral sobre os tecnocratas, mas estava igualmente discordando.

Wedekin diria, no intervalo, a este jornal, que os dados de Fritsch que deixam mal os políticos estão errados. "Nada consome mais de 40% do orçamento federal, a não ser as provisões para pagamento das dívidas interna e externa", assegura. "O dinheiro que a Constituição de 1988 repassou para estados e municípios foi o que impediu a explosão social do Brasil, porque os prefeitos puderam fazer algumas obras", pondera Saboya.

O senador catarinense ressaltou ainda que "o processo de distribuição e descentralização de recursos iniciado pela Constituição de 1988 é defensável de todos os pontos de vista". Depois de ouvir o argumento de que a crítica externa à

Constituição não é de que ela distribuiu a receita fiscal, mas que ela não distribuiu os encargos, Wedekin mesmo assim argumenta que os custos não são altos como se diz.

Nesse ponto singular ele parece ter razão. O próprio Fritsch está de acordo. Informado durante o almoço promovido pelo Banco do Brasil (BB) das críticas dos dois parlamentares, ele disse que "eu queria me referir na exposição ao percentual de todos os encargos. Se não foi isso que eu disse, devo ter cometido um engano".

Fritsch voltou a impressionar a platéia com seu forte sotaque britânico (americanos em geral se impressionam com sotaques da antiga matriz colonial), devido aos anos de estudo na Universidade Britânica de Cambridge, mas é brasileiro. O sobrenome Fritsch é de origem alemã, e Winston foi uma homenagem de seu pai ao líder inglês Churchill, no ano (1947) de sua incrível derrota eleitoral.

Nesta exposição, o secretário de Política Econômica lembrou que, em alguns pontos do programa de reformas, o Brasil está indo bem.

Seu ponto forte é a abertura do comércio externo. Fritsch disse que, nesse particular, nenhum país da América Latina, nem o México, nem o Chile nem a Argentina, foram tão longe como o Brasil em tão curto espaço de tempo.